



Coisas do gênero: patrimônio e cultura

Sandra Maria Pereira do Sacramento

O imaginário da nação foi pautado em modelo calcado em uma visão etnocêntrica, na medida em que, desde o primeiro momento da colonização, interesses imperialistas contrapunham-se àqueles da população local. Por isso, a empresa expansionista não hesitou em plasmar um ideário que estivesse de acordo com seus anseios. A terra e a população nela contida, quando descritas, sobressaem pelo exótico, pela riqueza e, principalmente, pela ausência de *civilização*. Todorov, em *Nous et les autres* (1989), fala acerca do *paradoxo constitutivo* que caracteriza o olhar europeu diante da terra recém-descoberta.

Trata-se de um conhecimento meramente superficial que não caracteriza de fato aquilo que lhe era desconhecido. Por isso, contradições nos enfoques se fazem presentes, sendo o índio, muitas vezes, elogiado e, ao mesmo tempo, chamado de selvagem (aquele que habita a selva), mas também de canalha e de muitos adjetivos negativos que em nada contribuíram para entender o habitante da terra. O canibalismo, por exemplo, não era visto pelos europeus como um ritual em que só os inimigos corajosos eram devorados, em situações especiais, sendo, em muitos relatos, visto como algo costumeiro, violento e banal.

E a figura feminina, quando descrita, destaca-se por seu estado de pureza paradisíaca à espera de intervenção. Tal mito fundacional foi reeditado à exaustão, de acordo com os discursos, ora da ciência, ora da sociologia. O *mito da construção da nação* também se faz presente nas construções discursivas das nações colonizadas, que, em um determinado momento de suas histórias, precisaram balizar suas culturas e seus territórios e, no caso da Literatura Brasileira, ocorreu durante a Independência política em relação a Portugal.

Essa matriz conceitual aparece em obras posteriores, como em *Iracema* (1865) de Alencar, quando a índia tabajara, que empresta o nome à obra, é descrita em sua doce sujeição ao branco Martim. Nega a sua origem, em nome da entrega. Alencar, nessa obra, imbuído do programa de descrever o país, por conta do projeto do Estado-Nação, na esteira da Independência política, impõe a conciliação como marca da colonização lusa no Brasil. Para tal, oculta qualquer ação que lembrasse violência, com o posterior silenciamento da voz do autóctone.

Ainda no século XIX, o discurso da ciência impôs uma coordenada outra à descrição do país e de sua gente, não sendo, entretanto, menos excludente que o anterior. Em *O Cortiço* (1890), por exemplo, de Aluísio de Azevedo, obra comprometida com a noção evolucionista das espécies, destaca-se a personagem Rita baiana, que, dotada de uma personalidade plena de sensualidade, encerra, na verdade, a teoria tainiana de que o ser humano é produto do meio, da raça e do momento histórico estratégia que encobria a empresa imperialista da segunda revolução industrial.

A mulher brasileira, quase sempre está associada a um imaginário que se prende ao mito de fundação, quando a natureza constituía a pedra de toque para a interpretação do Novo Mundo e dos habitantes nele encontrados. O projeto, ora apresenta-

do, *Coisas do Gênero: Patrimônio e Cultura* visa a identificar a mulher baiana, presente nas obras de Jorge Amado *Os Velhos marinheiros: duas histórias do cais da Bahia* (1992), *Dona Flor e seus dois maridos* (1979), *Terras do sem fim* (2002) e *Tocaia Grande: a face obscura* (1998) em suas várias relações de classe, gênero e etnia. Fugindo, por outro lado, ao imaginário que a submeteu a uma série de discursos redutores.

Nessas obras, encontra-se uma perspectiva de representação que se contrapõe àquela que esteve, quase sempre, comprometida com uma única cartografia, tanto geográfica quanto cultural, de ver o mundo, ancorada em dados auto-referenciais, que justificaram toda sorte de arbítrio do europeu sobre o nativo. Endossando esse preceito, as várias formas de interpretação da brasilidade contaram com componentes étnicos, sociais e econômicos, dependendo do enfoque aceito, tomando contornos, ora envoltos em preconceitos, como foi o caso do cientificismo do século XIX, ora, valendo-se do aparato de legitimação, suavizavam a exclusão, fazendo com que esta tomasse aparência de conciliação, como ocorreu, por exemplo, com Gilberto Freyre acerca de democracia racial. Isso para não falar de abordagens de Nina Rodrigues, Silvio Romero ou mesmo de Joaquim Nabuco, enquanto explicadores nacionais, altamente comprometidos com o etnocentrismo.

A figura feminina, representada em narrativas contra-hegemônicas, como as elencadas no presente projeto, avança com um modo interpretativo, em que o simbólico dimensiona-se em uma rede inextrincável, cujo fulcro conceitual leva em conta o fato de que *modo de produção, meios de produção e relações de produção* não podem ser dissociados de uma dimensão aplicativa e semantizada do simbólico. Logo, as grandes narrativas teleológicas são colocadas em questionamento. É como nos diz Bhabha: A possibilidade de incitar traduções culturais

por entre discursos minoritários surgiu ao presente disjuntivo da modernidade. Este assegura que o que parece o “mesmo” entre culturas é negociado no entre tempo do “signo” que constitui o domínio intersubjetivo, social. “Por ser de fato aquele lapso a própria estrutura da diferença e da cisão dentro do discurso da modernidade, transformando-o em um processo performativo, cada repetição do signo da modernidade é diferente, específica em suas condições históricas e culturais de enunciação” (2003: 341).

As vozes silenciadas, assim, colocam-se pela tomada da palavra. Esta, evidentemente, não constitui uma concessão da força hegemônica, antes ocorre pela negociação colocada no interior do poder enunciativo do discurso. Desse modo, é esperada a desautomatização de um esquematismo conceitual, posto sobre o Brasil e, principalmente, sobre a mulher brasileira, que esteve condicionada a estereótipos presos ainda ao desfrutável e ao exótico, implementados desde a carta de fundação em sua descrição das terras ameríndias. Por outro lado, a figura feminina deve ser evidenciada em sua dinâmica existencial híbrida, em seu relacionamento diuturno contextualizado, envolvendo gênero, classe e etnia, sob pena de fazer prevalecer aquela dos *folders* turísticos, em que o discurso do colonizador ainda se faz presente.

Tal coordenada diferencia-se do que ocorria com o leitor de país colonizado, quando, em um passado não tão distante, lia as obras de escritores europeus e procurava assimilar a cultura hegemônica como forma de distinção entre seus pares. A diversidade cultural do Brasil, entretanto, através de sua produção artística, acena, no mundo globalizado, na esteira da resistência/negociação do local. Contrária, portanto, ao modelo impositivo do imperialismo, quando caracterizava o nativo sempre por sua falta e não por seu modo de estar no mundo.

Assim, a literatura de países não hegemônicos, como o Brasil, pode ensejar a prática do turismo cultural na medida em que, tendo já superado todas as amarras em relação a preconceitos pertinentes às nações colonizadas, oferece, como veiculadora de bens simbólicos imateriais, como atrativo, a cultura local. Hoje, há necessidade de uma vasta reflexão sobre os discursos que legitimaram a hierarquia de práticas artísticas e históricas e, ao mesmo tempo, determinaram a exclusão de manifestações não elencadas pelo cânone.

Nesta perspectiva, a clivagem imposta ao dado colonizador impõe uma coordenada outrativa em margens deslizantes, como diria Bhabha (2003). A cultura local coloca-se proporcionando uma alteração cartográfica, que leva em conta a ressemantização de sentido, feita esta pela tomada da palavra em várias práticas enunciativas do colonizado. O *locus* de enunciação migrante, sendo híbrido, não almeja por sínteses definitivas ou por identidades estáveis.

A literatura de país colonizado pode estar a serviço, de alguma forma, do turismo cultural, enquanto elemento suscitador de interesse pela *alteridade*. Para tanto, reportamo-nos à obra *O fotógrafo e o Turista Aprendiz* de Mário de Andrade, produto de uma viagem feita ao Norte e Nordeste, em 1928, que não sendo literária no sentido pleno, guarda entretanto o compromisso com a valorização de nossa tradição cultural tão cara à Poesia pau-brasil e à Antropofagia dos modernistas. Neste relato, há um forte comprometimento com a cultura visitada e à procura daquilo que Machado de Assis já havia dito em *Instinto de Nacionalidade*, texto de 1826, acerca dos românticos, que desenvolvessem um *sentimento íntimo* em relação a tudo que dissesse respeito ao Brasil e superassem o *instinto de nacionalidade*, ou seja, evitassem o exotismo como forma de caracterização da nação.

A pesquisa trabalhará para a promoção de textos de Jorge Amado, agenciadores de nossa heterogeneidade cultural, na medida em que as várias interpretações passadas acerca da brasilidade estiveram comprometidas com pré-conceitos, em discursos que legitimaram a exclusão, em relação a países periféricos como o Brasil. Assim, a presente pesquisa intenta descortinar uma espécie de diáspora de sentido (HALL: 1997), que não sendo migratória, como ocorreu com povos na história da humanidade, a exemplo, do judeu, do africano,... ainda assim, constitui uma diáspora em trânsito só que de discursos, propostos pelo colonizado, em forma de resistência/negociação, desde as primeiras produções de cultura, no século XVII.

As culturas advindas, desse processo, apresentam-se não estreitadas ao *logos* europeu, mesmo que esse, através da força e da violência, se colocasse como o único modelo a ser seguido. Entretanto, o longo périplo trilhado pelo colonizado, através de sua produção simbólica, ampliou as várias possibilidades de enunciações que acabaram colocando por terra qualquer referência identitária estável, presa aos pressupostos eugênicos de unidade e pureza (SANTIAGO: 1998). Esses não se adequando, evidentemente, ao continuísmo historicista das metanarrativas eurocêntricas. Tal condição intervalar, chamada de *entre-lugar* (BHABHA: 2003) constitui os espaços ocupados pelas culturas híbridas, que não podendo deter uma identidade acabada, imposta pelo discurso de fundação e mesmo do Estado-Nação, constrói-se disjuntivamente, no pacto diuturno da sobrevivência. Então, o projeto *Coisas do gênero: patrimônio e cultura*, ora apresentado, ao eleger, para pesquisa, as relações de gênero, classe e etnia nas produções literárias do baiano Jorge Amado, almeja valorizá-la pelo seu grau de inserção em um contexto híbrido sócio-econômico-cultural do Brasil, enquanto resposta contra-hegemônica do colonizado ao

enunciado do colonizador. Nesse processo, o *entre-lugar* discursivo tem sua fundamentação e não pode ser aquela das *idéias fora do lugar* (SCHWARZ, 1990), uma vez que esta última ainda está ancorada em uma forma de pensar em pares opositivos, norteadores da modernidade.

Do Autor:

- AMADO, J. *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
_____. *Os Velhos marinheiros: duas histórias do cais da Bahia*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
_____. *Terras do sem fim*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
_____. *Tocaia Grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, B. *Imagined Communities*. London and New York: Verso, 1991.
ANDRADE, M. de. *Mário de Andrade: Fotógrafo e Turista Aprendiz*. São Paulo, IEB/VITAE/Banco Safra, 1993.
BHABHA, H.K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Eloísa P. Cintão, Ana Regina Lessa, 3 de. São Paulo: Edusp, 2000.
CARRETERO, P. *Museos etnográficos e imagens de la cultura*. Patrimônio Etnológico. Nuevas Perspectivas de Estudio. Cuadernos Del Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico, Granada, 1999.
CASCUDO, L. da C. *História da Alimentação Brasileira*. São Paulo: Global, 2004.
DERRIDA. *L'écriture et la différence*, Paris: Seuil, 1967.
_____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da

Silva. Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP& A ED., 1997.

_____. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; trad. Adelaine La Guardia Resende.... [et al]. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MEC/SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA. *Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil: uma trajetória*. Brasília, 1980.

SAFIOTTI. H.I.B & M. V. M . *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos / NIPAS: Brasília: UNICEF, 1994.

_____. *Uma Literatura nos trópicos: Ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva - Sec. de Cultura, Ciência e Tecnologia do Est. de São Paulo, 1978.

SOUZA, E.M. de . *Crítica cult.* Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002.

TODOROV, T. *Nous et les autres*. Paris: Seuil, 1989.

YUDICE, G. *Posmodernity and traditional capitalism in Latin America*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói: EDUFF, v.1, 1991.